



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

ANÁLISE ACÚSTICA DA PRODUÇÃO DO MORFEMA *-ED*, POR APRENDIZES POTIGUARES DE INGLÊS¹

ACOUSTIC ANALYSIS OF THE PRODUCTION OF THE *-ED* MORPHEME BY POTIGUAR LEARNERS OF ENGLISH

Paulo Marcio de Medeiros²
Anderson Romário Souza Silva³

RESUMO:

Esta pesquisa investigou a análise acústica da produção do morfema *-ed*, por aprendizes potiguaros de inglês, onde se analisou a produção do morfema sobre a perspectiva de velocidade de fala. O objetivo geral do estudo foi analisar o efeito da velocidade de fala na produção do morfema *-ed* do inglês por aprendizes potiguaros. A pesquisa contou com a pergunta problema: qual o efeito da velocidade de fala na produção do morfema *-ed* do inglês por aprendizes potiguaros? A hipótese é que cada aprendiz possui seu próprio desenvolvimento do morfema *-ed*, sendo que alguns têm maior facilidade em produzir com velocidade de fala alta, enquanto outros têm maior dificuldade. O morfema *-ed* marca o passado regular em inglês e apresenta três realizações que são classificados em [t], [d] e [ɪd], falantes brasileiros tendem a apresentar dificuldades nessa produção devido à influência ortográfica do português e à distinção entre sons vozeados e não vozeados. Este é um estudo de caráter quantitativo e experimental, onde

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Inglês, no dia 22 de dezembro de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês junto a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Orientando do Curso de Graduação em Letras Inglês, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
E-mail: paulo.medeiros50448@alunos.ufersa.edu.br.

³ Orientador do Curso de Graduação em Letras Inglês, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
E-mail: anderson@ufersa.edu.br.

analisamos a produção do morfema *-ed*, através de experimentos de leitura de frase e análise acústica e estatística. Os resultados apresentaram alta dificuldade na realização do morfema *-ed*, tanto na velocidade normal quanto em velocidade de fala rápida. Também foi constatado que a velocidade de fala não teve efeito significativo no desenvolvimento do morfema *-ed*, refutando dessa forma a hipótese do estudo. Os resultados também revelaram que os morfemas [t] e [d] foram os mais problemáticos sendo frequentemente substituídos por outros morfemas não equivalentes.

Palavras-chave: Morfema *-ed*; Velocidade de Fala; Análise Acústica.

ABSTRACT:

This study investigated the acoustic analysis of the production of the *-ed* morpheme by Potiguar learners of English, examining its production from the perspective of speech rate. The general objective of the study was to analyze the effect of speech rate on the production of the English *-ed* morpheme by Potiguar learners. The research was guided by the following research question: What is the effect of speech rate on the production of the English *-ed* morpheme by Potiguar learners? The hypothesis assumed that each learner presents an individual developmental pattern in the acquisition of the *-ed* morpheme, with some learners showing greater ease in producing it at higher speech rates, while others experience greater difficulty. The *-ed* morpheme marks regular past tense in English and presents three realizations, classified as [t], [d], and [ɪd]. Brazilian Portuguese speakers tend to experience difficulties in producing this morpheme due to orthographic interference from Portuguese and challenges related to the distinction between voiced and voiceless sounds. This is a quantitative and experimental study in which the production of the *-ed* morpheme was analyzed through sentence-reading tasks, as well as acoustic and statistical analyses. The results revealed a high level of difficulty in the production of the *-ed* morpheme at both normal and fast speech rates. It was also found that speech rate did not have a significant effect on the development of the *-ed* morpheme, thus refuting the study's hypothesis. Additionally, the results showed that the [t] and [d] realizations were the most problematic, being frequently replaced by non-equivalent morphemes.

Keywords: Morpheme *-ed*; Speech Rate; Acoustic Analysis.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar a produção do morfema *-ed* por falantes potiguares de inglês na universidade federal rural do semi-árido (UFERSA), *campus* de Caraúbas. Buscamos responder a seguinte pergunta da pesquisa: qual o efeito da velocidade de fala na produção do morfema *-ed* do inglês por aprendizes potiguares? A hipótese é que cada aprendiz possui seu próprio desenvolvimento do morfema *-ed*, sendo que alguns têm maior facilidade em produzir com velocidade de fala alta, enquanto outros têm maior dificuldade. Ao lidar com o morfema *-ed*, os aprendizes potiguares de inglês apresentam dificuldades de pronúncia que se caracteriza pela adição de epêntese vocálica no verbo, um som que se manifesta na fala, mas não se apresenta na escrita (Gadêlha-Silva, 2019).

Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar o efeito da velocidade de fala na produção do morfema *-ed* do inglês por aprendizes potiguares, uma vez que pesquisas apontam a realização não prototípica do morfema (Cristófaro-Silva, 2013; Silva, 2019; Silva, 2022), o que desperta o interesse em descobrir se esse fator poderia causar algum tipo de desvio. Dessa forma, partimos para os objetivos específicos:

- A. Analisar acusticamente a produção do morfema *-ed*;
- B. Descrever possíveis efeitos da velocidade de fala na produção do morfema *-ed*;

Para isso, é essencial considerar que a língua é composta por variáveis linguísticas e extralinguísticas, fatores que vão desde os aspectos fonológicos até os contextos sociais, que podem influenciar na comunicação de maneira a causar modificações no uso da língua. Compreender quais fatores podem intervir na comunicação é crucial para que se possa saber qual o fenômeno atua na dificuldade de realização do morfema *-ed* pelos aprendizes. Conforme Rossini et al. (2017, p. 346), aprendizes de língua estrangeira frequentemente apresentam dificuldade na percepção de diferenças segmentais devido à existência de sons e padrões silábicos distintos daqueles da língua materna. A partir disso, a aproximação aos sons da primeira língua (L1) pode impactar a percepção dos ouvintes e influenciar a produção da fala.

A justificativa pessoal para a realização deste estudo é que percebi enquanto aluno e estagiário as visíveis ocorrências de dificuldade na produção do morfema *-ed*, principalmente durante o processo de aprendizagem de uma segunda língua. Como justificativa teórica, a

literatura já mostrou que variáveis como ortografia, proficiência, contexto anterior, sexo e indivíduo são importantes para a produção do morfema *-ed*, (Delatorre; Gonçalves, 2020; Gomes, 2011). Por isso, pretendemos avançar essa pesquisa analisando a velocidade de fala e observar o que mais além pode provocar esse fenômeno linguístico. Discutir uma nova abordagem da realização do morfema *-ed*, com ênfase na análise acústica ajudaria não apenas os aprendizes brasileiros de inglês, mas todo o público que tem dúvidas acerca de como esse fenômeno acontece não prototipicamente, e o que realmente levaria a ocorrência frequente de vogais epentéticas nesse morfema dos verbos regulares. Um dos possíveis fatores que pode influenciar no percurso de fala pelo falante é a variável velocidade com que o som é produzido, se falante falar com mais naturalidade certamente ele irá ter um bom desenvolvimento o que é usual do comportamento linguístico, por outro lado, se for uma fala mais rápida poderá resultar em dificuldades de pronúncia.

Esta pesquisa está organizada em cinco seções. Esta introdução apresenta a problemática, objetivos e hipótese levantada. A segunda, fundamentação teórica, discute as três pronúncias do morfema *-ed*, as dificuldades enfrentadas por falantes de português brasileiro e a diferença entre fala de laboratório e fala espontânea. A terceira, revisão da literatura, examina os dados das pesquisas passadas. A metodologia apresenta os princípios metodológicos da pesquisa em questão. Por fim, a seção resultados e discussão apresenta os achados da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Classifica-se como morfema a menor unidade dotada de significado em uma palavra (Gandulfo, 2021), como o morfema *-ed* que indica a forma do passado regular em língua inglesa. No caso do morfema *-ed* dos verbos regulares do inglês, contém três possíveis produções: [t], [d] e [ɪd], dependendo do vozeamento do último fonema da palavra em questão.

Por exemplo, em palavras em que o último fonema é não vozeado, o morfema *-ed* deve ser pronunciado como [t] (*work - worked*); quando o último fonema for vozeado, deve ser pronunciado como [d] (*love - loved*); e como /ɪd/ se o último fonema for [t] ou [d] (*end - ended* / *want - wanted*) (Cristófar-Silva, 2013).

Falantes nativos de inglês tendem a empregar adequadamente as três realizações fonéticas do morfema *-ed*, [t], [d] e [ɪd], conforme o contexto fonológico precedente. Em contraste, aprendizes brasileiros de inglês frequentemente apresentam produções não prototípicas desse morfema, influenciadas pela ortografia da língua materna, o que favorece a inserção de epêntese vocálica e a realização do *-ed* como [ɛd] ou [ɪd] em contextos inadequados. Estudos indicam que essa influência ortográfica atua como um input fonológico inadequado, interferindo na construção da interlíngua e dificultando a aquisição das codas finais do inglês por falantes de português brasileiro (Alves, 2004; Delatorre; Gonçalves, 2020; Silva, 2022).

Outra perspectiva importante a ser abordada neste estudo é a comparação entre os diferentes tipos de fala existentes, uma vez que o campo da linguística revela variações significativas entre elas. Um dos tipos de fala comumente utilizados no contexto de estudos linguísticos é a *fala de laboratório*, tipicamente empregada em pesquisas realizadas em ambientes controlados (Barbosa, 2012). Este tipo de fala visa minimizar a influência externa de variáveis que possam interferir nos resultados do estudo investigado por parte dos experimentadores, permitindo assim, uma análise mais precisa e objetiva dos aspectos linguísticos observados em questão. A *fala de laboratório* caracteriza-se por sua maior precisão na comunicação direta, apresentando um ritmo mais lento e um grau maior de intervenção por parte do experimentador sobre o falante, o que resulta em menor ocorrência de erros e um nível mais reduzido de coloquialismo. Contudo, embora a fala de laboratório apresente características mais restritas, essa não deixa de ser uma comunicação do ponto de vista da linguística, apesar de ser caracterizada para fins experimentais.

Outro tipo é a *fala espontânea* que reflete as interações cotidianas, sendo caracterizada por maior fluidez nas conversas e interações entre os falantes, apresentando variação e espontaneidade por parte das comunicações entre a população. Esse tipo de fala tende a ser mais rápido, sem as restrições de contextos coloquiais, o que, por sua vez, pode resultar em um número mais elevado de erros. A *fala espontânea* apresenta também um nível de intervenção do experimentador consideravelmente menor, o que a torna mais próxima das condições naturais de comunicação. Embora ambas sejam formas de fala legítimas do ponto de vista da comunicação humana, a principal diferença entre as duas reside no grau de controle exercido por parte do experimentador e do participante.

Uma distinção importante que deve ser abordada neste estudo é a diferença entre esses dois tipos de fala. A *fala de laboratório* tipicamente produzida em ambientes controlados para pesquisas científicas pode ser utilizada para representar uma fala em velocidade normal, enquanto que a *fala espontânea* pode representar o discurso que ocorre no cotidiano de maneira mais flexibilizada, apresentando maior ritmo de velocidade na comunicação e classificando uma comunicação próxima do que ocorre em situações naturais, onde não há imposição do experimentador sobre o participante a seguir determinados rótulos.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Um estudo pertinente para a proposta de pesquisa apresentada é Silva (2019), no qual a autora investigou a produção do morfema *-ed* por aprendizes brasileiros de inglês língua estrangeira. O estudo abordado contou com 12 alunos da graduação em letras-inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Os informantes foram divididos entre sexo masculino e feminino, iniciantes e pré-intermediário de períodos diferentes do curso.

A pesquisa contou com dois experimentos. O primeiro foi de leitura de frases com palavras com o morfema *-ed*. O segundo foi um experimento com imagens, onde as palavras analisadas foram substituídas por imagens durante a leitura. A variável ortografia indicou que os aprendizes brasileiros enfrentam dificuldades na produção do morfema *-ed*, favorecendo casos de epêntese e apagamento. A variável vozeamento revelou que a variante [d] apresenta menos dificuldade do que a variante [t]. A variável tempo de estudo da língua alvo mostrou que os aprendizes com maior tempo de estudo produzem morfema *-ed* mais perto do esperado, em comparação com aqueles de menor tempo de exposição ao inglês. A variável sexo constatou que esse é um fator que não influencia na produção do morfema *-ed*. A variável indivíduo mostrou que cada um possui um percurso distinto quanto à produção do morfema.

Em Silva (2022), é discutida a inserção de vogais epentéticas na produção do morfema *-ed*, bem como as ocorrências de diferentes variáveis que podem causar esse fenômeno linguístico analisado. A revisão bibliográfica analisa as seguintes variáveis com intuito de descobrir qual fator influencia mais na ocorrência da epêntese vocálica nos verbos regulares dos estudos em análise: a variável experimento constatou nas pesquisas que o tipo de tarefa aplicada

induz a realização não prototípica do *-ed*; A variável ortografia revelou através dos estudos examinados que a forma escrita do morfema *-ed* influencia no percurso de realização do mesmo; A variável nível de proficiência em inglês/experiência de uso mostrou que os aprendizes com maior experiência em inglês realizam o morfema *-ed* mais próximo do esperado. A variável contexto anterior/vozeamento indicou para as mesmas através das pesquisas que o contexto anterior não vozeado propicia a produção não prototípica do *-ed*. A variável palavra mostrou haver uma variação para cada palavra analisada. A variável indivíduo revelou que a produção *-ed* é um fator que acontece individualmente porque cada informante possui o seu próprio desenvolvimento.

4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter quantitativo e experimental, pois analisamos a produção do morfema *-ed* através de experimentos de gravação de voz e análise acústica e estatística.

Para o levantamento dos dados foi realizado o experimento da pesquisa que aconteceu por meio de duas etapas de leitura de frases. Na primeira os participantes leram sete frases-veículo com palavras selecionadas em velocidade natural de fala, a fim de simular a *fala de laboratório*. O segundo experimento foi a leitura das mesmas frases-veículo e palavras seguindo a instrução de lerem o mais rápido possível, simulando a *fala espontânea*.

Um contexto fonotático específico foi delimitado para a escolha das palavras investigadas no estudo. As palavras analisadas (Quadro 1) na leitura de frases seguiram a estrutura silábica CVC (consoante, vogal e consoante), considerando as três produções possíveis do morfema *-ed*. O experimento usou uma frase veículo padrão (*I say [palavra 1] to Mary and [palavra 2] to John*), adicionando cada palavra selecionada no quadro abaixo. Cada participante produziu 12 palavras na velocidade normal e 12 na velocidade rápida, totalizando 24 tokens para análise por indivíduo e 168 no total.

Quadro 1 - Palavras selecionadas para o experimento

[t]	[d]	[id]
kissed	buzzed	fitted
cooked	begged	wanted
popped	robbed	ended
buffed	loved	sided

Fonte: autoria própria

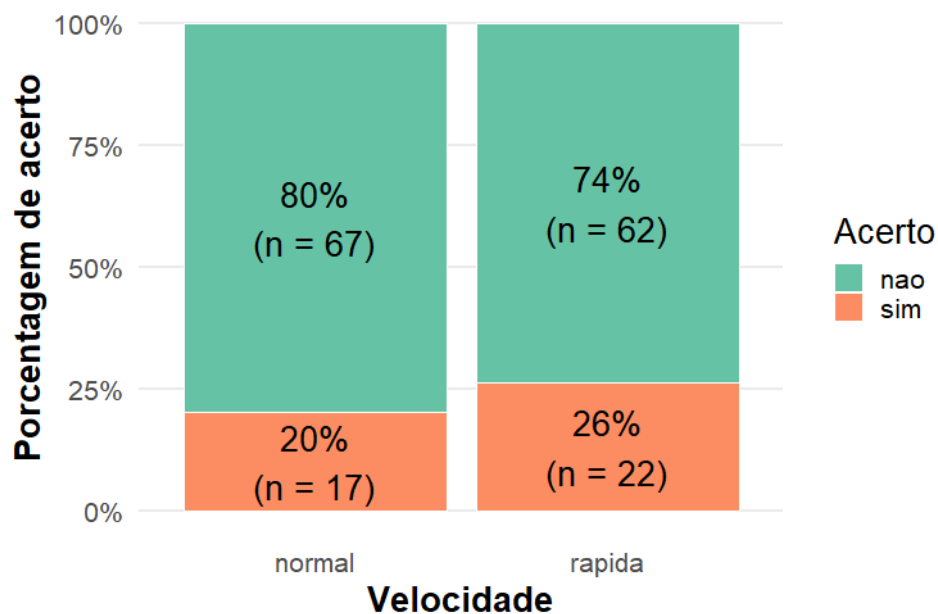
Esta pesquisa contou com a participação de 7 informantes, 3 do sexo feminino e 4 do sexo masculino todos do curso de Letras - Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), pertencentes ao quarto e sexto período da graduação e oriundos de cidades circunvizinhas de Caraúbas. A coleta dos dados se deu por meio de gravações com um gravador e microfone em uma sala silenciosa, as quais foram analisadas acusticamente para constatar se houve a pronúncia do morfema *-ed*, além da coleta dos valores de duração em milissegundos das palavras analisadas, para controle da velocidade de fala.

A variável resposta delimitada para esta pesquisa foi a produção do morfema *-ed*. Por sua vez, a variável preditora analisada é a velocidade de fala, a qual foi controlada através da orientação de leitura em diferentes velocidades durante o experimento. Acreditamos que maior velocidade resultaria em maiores desvios no morfema *-ed*, mas cada aprendiz possui seu próprio percurso de aprendizado. A análise estatística adotada nesta pesquisa foi o ajuste de um modelo de regressão logística no programa R (R Core Team, 2025) para averiguar o efeito da variável velocidade de fala na produção do morfema *-ed* esperado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados gerais mostram que o índice de acerto do morfema *-ed* foi de 20% na velocidade de fala normal (17 de 84 palavras), enquanto que na velocidade de fala rápida foi de 26% (22 de 84 palavras), conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Índice de acerto do morfema *-ed*



Fonte: autoria própria

De maneira geral, os dados indicam que os participantes tiveram dificuldade em produzir o morfema *-ed* esperado, pois, nas duas velocidades de fala, o número de erros foi consideravelmente maior do que o de acertos.

Para averiguar um possível efeito da velocidade de fala na produção do morfema *-ed*, foi ajustado um modelo de regressão logística. O modelo não previu efeitos aleatórios para participante ou palavras, ou seja, não há indícios de que houve variação intraindividual. Assim, não é possível afirmar que alguns falantes tiveram maior facilidade para produzir o morfema *-ed* esperado, refutando a hipótese levantada para esta pesquisa. Os valores previstos pelo model estão apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 - Dados previstos pelo modelo

Índice de acerto do morfema -ed			
Variável preditora	Porcentagem prevista	Intervalo de confiança	<i>p</i>
Intercepto [normal]	20%	12% - 30%	< 0.001
Velocidade [rápida]	58%	40% - 74%	0.362 (não significativo)
Observações	168		
R²	0.05 = 5%		

Fonte: autoria própria

O intercepto é o valor previsto em porcentagem pelo modelo para o aprendiz produzir o morfema *-ed* esperado na velocidade de fala normal (20%). Na velocidade rápida, o modelo previu um aumento de 58% nas chances do morfema esperado ser produzido. Porém, o valor de *p* de 0.362 indica que não é possível constatar que o aumento no índice de acerto está relacionado ao aumento na velocidade de fala. Em outras palavras, a velocidade de fala rápida não favorece significativamente um aumento nos índices de acerto do morfema *-ed*.

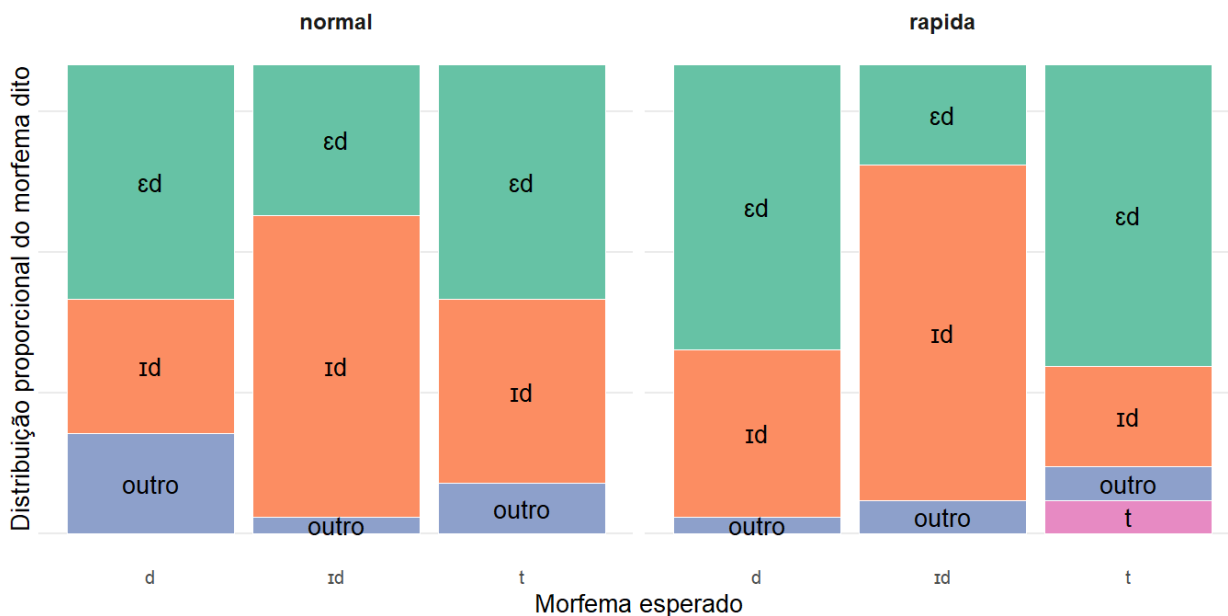
O valor de R² previsto pelo modelo foi de 0.05, indicando que é um modelo de baixa precisão para explicar o fenômeno analisado, propondo que o aumento na velocidade de fala explica apenas 5% da variação da produção do morfema *-ed* esperado. Isso indica que há outros fatores que influenciam mais a produção do morfema *-ed* esperado, por exemplo, a falta de conhecimento do sistema sonoro do inglês influenciando diretamente a produção dos aprendizes, dificultando assim, a distinção correta entre os três sons do morfema *-ed*. Além disso, o baixo nível de proficiência interfere diretamente as três pronúncias, fazendo com que o falante recorra aos padrões fonéticos da própria língua, como resultado, muitos aprendizes tendem a pronunciar [ɪd] por ser mais próximo à língua materna. Da mesma forma, quando o aprendiz se encontra sob sobrecarga de processamento, o cérebro tende a optar por estratégias de menor esforço cognitivo. Nesses contextos, o falante pode apresentar maior dificuldade em controlar as três realizações fonológicas do morfema *-ed*, o que favorece a produção de formas não prototípicas, como [ɛd] ou o próprio [ɪd] em situações não equivalentes substituindo as realizações de [t] e [d]. Além disso,

em situações de cansaço cognitivo, observa-se uma redução do processamento mental, o que pode comprometer o controle fonológico e levar o aprendiz a produzir a realização considerada mais fácil, ainda que não seja a forma esperada. Outro fator relevante é a falta de prática do inglês, que contribui para a diminuição da percepção auditiva dos sons da língua alvo. Assim, quando um falante nativo utiliza as realizações [t] e [d], aprendizes com menor experiência de uso tendem a apresentar dificuldades em perceber e distinguir essas terminações, uma vez que tais contrastes podem soar semelhantes para falantes do português brasileiro (Alves, 2004).

A Figura 2 apresenta a distribuição proporcional dos morfemas ditos em cada velocidade de fala. Considerando a média de acerto das duas velocidades de fala, os informantes apresentaram dificuldades de pronúncia do morfema *-ed* esperado, atingindo a forma alvo em apenas 23% dos casos. Os morfemas [t] e [d] foram os que apresentaram maior dificuldade de produção e tendem a ser substituídos por [ɛd] ou [ɪd]. Por sua vez, o morfema [ɪd] teve os maiores índices de acerto, embora também houve casos em que esse morfema foi substituído por [ɛd]. Também foram constatadas produções diferentes para os morfemas que ocorram uma ou duas vezes, mas foram categorizadas como “outros”.

Acreditamos que a ortografia do português foi um fator que influenciou a produção dos morfemas na língua inglesa. A ortografia interfere na produção dos verbos regulares no passado em inglês, pois muitos aprendizes tendem a produzir o sufixo *-ed* com base na sua forma escrita. Essa influência está associada à língua materna (L1), contribuindo para realizações fora da forma alvo esperada, como a inserção de vogais epentéticas ou mudanças na estrutura sonora dos verbos (Delatorre; Gonçalves; Silveira, 2020). O morfema que teve os maiores índices de acerto foi [ɪd], provavelmente por causa da vogal semelhante do português (como *medo* ['me.du]). De maneira semelhante, o morfema [ɛd], que não é esperado nesse contexto, teve consideráveis casos devido a influência de palavras como *medalha* ['mɛ.da.ʎa], favorecendo a associação do sufixo *-ed* a uma sílaba contendo vogal média anterior, levando o aprendiz a reinterpretar o morfema como uma unidade silábica completa, com inserção de vogal epentética.

Os resultados desta pesquisa indicam que o morfema *-ed* caracteriza-se como um detalhe de difícil produção por aprendizes de inglês, os quais utilizam os padrões fonológicos do português durante sua produção.

Figura 2 - Distribuição dos morfemas ditos e esperados

Fonte: autoria própria

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta pesquisa foi a análise acústica da produção do morfema *-ed*, por aprendizes brasileiros de inglês, na qual se analisou o efeito da velocidade de fala sobre a produção do morfema $[\epsilon d]$. Para a realização do estudo, foi feito inicialmente um experimento de leitura de frases em velocidade normal simulando a fala de *laboratório* e em velocidade de fala rápida simulando a *espontânea*, onde foi feita as gravações de sete informantes do quarto e sexto período da graduação em letras inglês. Na segunda etapa, realizou-se a análise acústica para evidenciar as palavras e morfemas pronunciados e em seguida foi realizada a análise estatística onde foi elaborado um modelo de regressão logística para verificar se houve efeitos causados pela velocidade da pronúncia do morfema *-ed*, onde foi revelado que esse fator não foi significativo.

O principal resultado obtido foi índice de dificuldade significativo na pronúncia do morfema *-ed*, principalmente nos sons finais $[t]$ e $[d]$, havendo em muitos casos a substituição desses sons pelos $[\epsilon d]$ ou $[id]$. Além disso, o modelo revelou que não houve evidências de

variação entre cada participante isoladamente, dessa forma não se pode concluir que aconteceu uma facilidade por parte dos informantes na produção do morfema *-ed*, refutando a hipótese levantada para essa pesquisa de que cada aprendiz possui seu próprio desenvolvimento do morfema *-ed*, sendo que alguns teriam maior facilidade em produzir com velocidade de fala alta, enquanto outros teriam maior dificuldade. No geral, o morfema *-ed* mostrou-se desafiador para todos os participantes.

Um dos fatores pelos quais a escrita do português brasileiro pode ter influenciado a produção dos morfemas está relacionado à dificuldade que aprendizes de inglês como L2 apresentam na articulação dos sons, levando-os a assimilá-los aos sons da língua materna. Além disso, outro fator que gera grande dificuldade para o aprendiz de inglês é o fato de que, na produção do morfema *-ed*, seus três sons não são visualmente identificáveis na escrita. Assim, o aprendiz que não possui domínio das três pronúncias tende a produzir um som não equivalente ao esperado, em muitos casos, ocorre a realização do morfema como [ɛd], por ser o som identificado visualmente.

O objetivo geral do estudo revelou que a velocidade de fala normal se apresenta em (20%) enquanto que a velocidade de fala rápida se revela em (26%), sugerindo até um aumento entre as duas velocidades. Contudo, embora a análise tenha possibilitado observar a produção do morfema em diferentes velocidades de fala, os resultados indicaram que essa influência não é totalmente significativa, sugerindo que outros fatores podem exercer um impacto maior na produção do morfema *-ed*.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ubiratã. **A AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DO INGLÊS COMO L2 À LUZ DA OT: OS VERBOS CONTENDO A MARCA «-ED»**. *Organon*, v. 18, n. 36, 2004.

BARBOSA, P. A. (2012). **Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação**. *Revista de Estudos da Linguagem*, 20(1), 11-27.

DELATORRE, Fernanda; GONÇALVES, Alison R.; SILVEIRA, Rosane. *Production of English verbs ending in -ed by speakers from different L1 backgrounds*. Entrepalavras, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 141-165, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-11756>

GANDULFO, Roberto. **Morfema, morfe e alomorfe**. 2020. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/Q_gf6LgK9SE?si=m6zDhXk26x3kRM8m>. Acesso em: 6 fev. 2025.

GOMES, M. L. C. **A influência da frequência na produção de palavras em inglês com o morfema-ed por falantes brasileiros**. In: VII ABRALIN: Proceedings of the VII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. 2011. p. 3061-3073.01.

ROSSINI, C. L., FRACARO, B. N., de Castro GOMES, M. L., & Brawerman-Albini, A. (2017). **/t//d/OU/Id/? UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DO MORFEMA-ED DOS VERBOS REGULARES NO PASSADO EM INGLÊS POR FALANTES BRASILEIROS:/t//d/OR/Id/? A STUDY ABOUT THE PERCEPTION OF THE-ED MORPHEME IN REGULAR ENGLISH VERBS IN THE PAST BY BRAZILIAN SPEAKERS**. *Travessias Interativas*, (14), 345-358.

SILVA, Thaís Cristófar. **Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro**. Contexto, 2013.

SILVA, M. **Análise Fonético-Fonológica do Past Tense -ed na Produção de Aprendiz de Inglês Língua Estrangeira: Uma Visão Multirrepresentacional**. TCC. Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2019.

SILVA, M. G., & BARBOSA, C. L. F. (2022). **ANÁLISE DO MORFEMA-ED DO PASSADO SIMPLES DO INGLÊS LÍNGUA ADICIONAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**. *COLINEARES*, 9(1), 75-85

